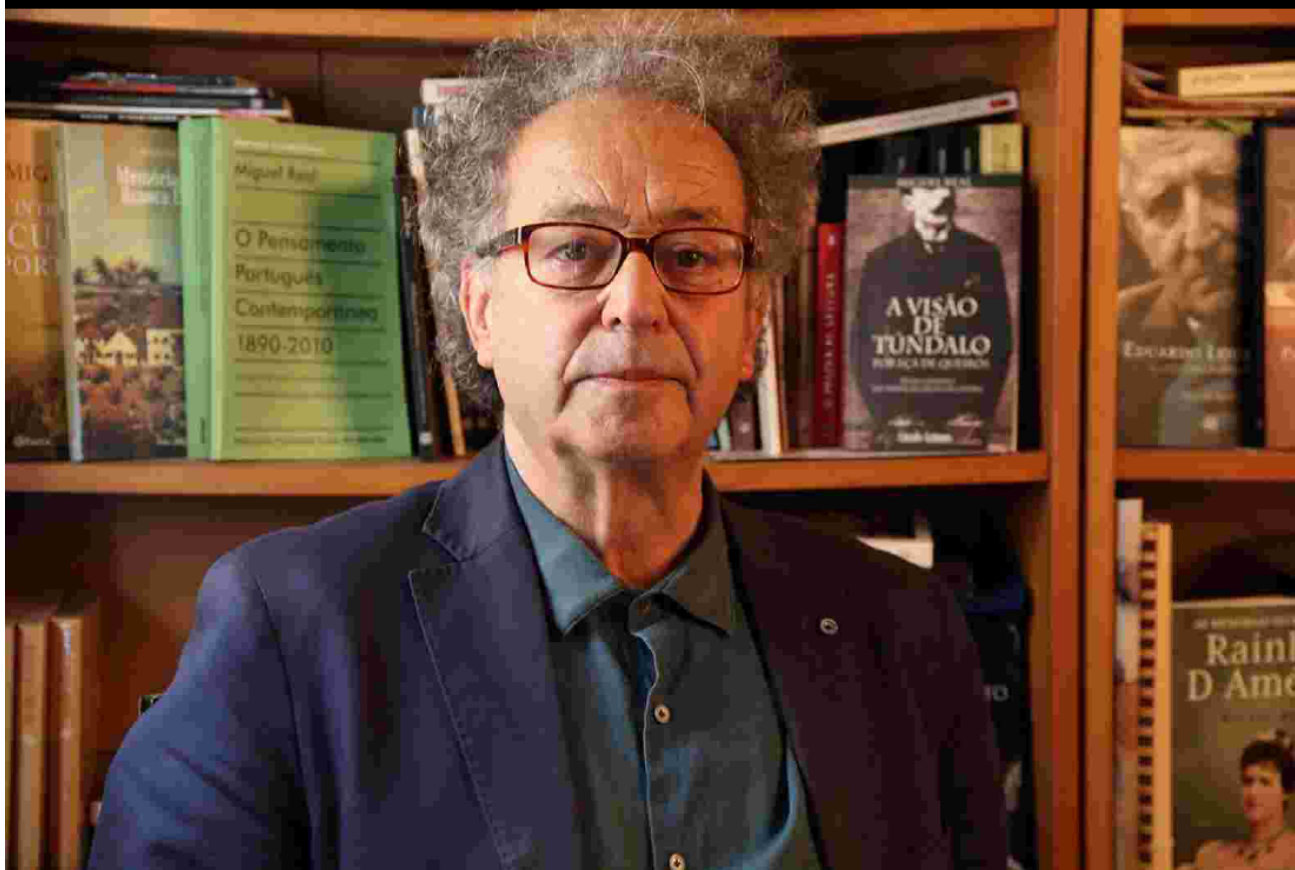


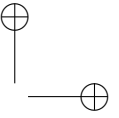
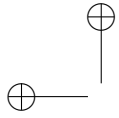
Carla Sofia Gomes Xavier Luís,
Annabela Rita
& Alexandre António da Costa Luís
(Orgs.)

Miguel Real

40 anos de Escrita: Literatura, Filosofia e Cultura



LusoSofia:Press
Universidade da Beira Interior
Covilhã 2022



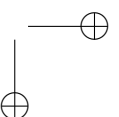
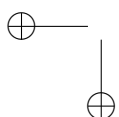
Carla Sofia Gomes Xavier LUÍS,
Annabela RITA &
Alexandre António da Costa LUÍS
(Orgs.)

Miguel Real – 40 anos de Escrita: Literatura, Filosofia e Cultura

LUSOSOFIA: PRESS

Universidade da Beira Interior
Covilhã

2022





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2022

FICHA TÉCNICA

Título: *Miguel Real – 40 Anos de Escrita: Literatura, Filosofia e Cultura*

Organizadores: Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Annabela Rita
& Alexandre António da Costa Luís (Orgs.)

Coleção: Livros LUSOSOFIA

Design da Capa: Madalena Sena

Fotografia da capa: cedida por Miguel Real

Paginação e composição: Filomena Santos

Revisão: Carla Sofia Gomes Xavier Luís

Edição: Universidade da Beira Interior

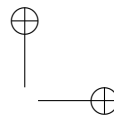
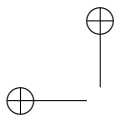
Cidade: Covilhã

Data de Impressão: 2022

Depósito Legal: 508182/22

ISBN (PDF): 978-989-654-880-3

ISBN (Encadernado): 978-989-654-879-7



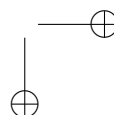
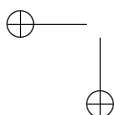
1.2.3. “...da UBI? Ah! Essa Bela Escola!”¹



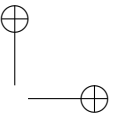
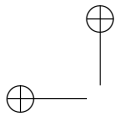
José Maria da Silva ROSA
Universidade da Beira Interior

Conheci pessoalmente o Miguel Real no dia 30 de outubro de 2014, na Biblioteca Nacional, no 1.º Congresso realizado no âmbito das comemorações do “Triénio Pascoalino”. Concretamente, este evento intitulava-se “As Biografias no Pensamento Português dos sécs. XIX e XX”, e Miguel Real, pouco antes de mim, dissertou sobre “O Estatuto existencial de ‘Napoleão’ no conjunto das biografias de Teixeira de Pascoaes”. Embora já conhecesse o autor do ensaio vieirino, *O Sal da Terra* (2008), a partir de outras obras (*O Último Negreiro*, de 2007, é um romance ‘histórico’ que me fascinou bastante, que me fez pensar e me levou, então, a outros estudos sobre a famígera “triangulação escravagista” que nós, os portugueses, delineámos e praticámos durante alguns séculos, no Atlântico), confesso que ainda não tinha havido a oportunidade de o conhecer pessoalmente. Já sabia nessa altura, através de amigos e colegas comuns de Faculdade, que ‘Miguel Real’ era o pseudónimo de um companheiro de ofício, Professor de Filosofia, Luís Martins, nascido em 1953. Aliás, os títulos dos seus livros das décadas de 80 e 90 (por exemplo, *Princípios de Filosofia e quadro sobre a ética*, 1987; *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu vergonhoso amante*, 1987; *A Filosofia explicada às meninas e aos meninos*, 1987; *G. W. Leibniz: O paradoxo e a maravilha*, 1995; *A*

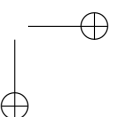
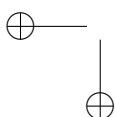
¹Este texto foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico de 1990.

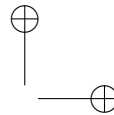
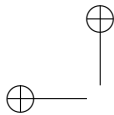


Verdadeira Apologia de Sócrates, 1998, entre outros) já me tinham chamado a atenção para um cultivo da Filosofia que, quase sempre, mesmo quando não *ex professo*, permeia as referências, os romances e os ensaios de Miguel Real. Mas nesse tempo eu não sabia ainda da sua formação filosófica. A comunicação, no dia 30 de outubro de 2014, também me captou logo a atenção, dado parecer haver nela confluências e intersecções com algumas coisas que eu ia apresentar a seguir, através de mote do próprio Teixeira de Pascoaes: «“Entre a escada e ruela há um desacordo tremendo...”» O que me interessava e ocupava nesta minha própria comunicação era apreciar certos ângulos gnósticos da leitura que o inquilino do Solar de Gatão fazia na estranha ‘biografia’ *Santo Agostinho*. Ora, não apenas na intervenção oral de Miguel Real, mas também em outros textos anteriores, reconhecia eu, metamorfoseado, o mesmíssimo murmúrio gnóstico ou para-gnóstico que, como corrente subterrânea omnipresente na tradição do pensamento português, com um momento alto nos textos furibundos do *Poeta do Marão*, também o próprio Miguel Real, leitor de Pascoaes, ali exibia, embora no seu modo mais apaziguado de “gnose agnóstica”, quer-me parecer (ou talvez melhor: “gnose quebrada”). Já não posso precisar tudo de memória nem confirmar, pois, salvo erro, o Miguel Real não publicou o texto da sua intervenção. Num dos intervalos, fomos apresentados pela Professora Annabela Rita e pelo Professor José Eduardo Franco, organizadores do Congresso. E embora não tenhamos então conversado muito, interessou-se por saber quem eu era e de onde eu vinha: “...da UBI? Ah! Essa bela Escola!”. Falámos um pouco genericamente sobre as nossas comunicações e outras coisas de circunstância. No final, creio que trocámos contactos. A anamnese sobre este encontro importa-me porque foi o primeiro de outros simpósios, depois, mas agora na dita ‘bela Escola’, a Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. Como, à frente, outros dirão bem melhor do que eu, e com mais detalhe e propriedade, muitas vezes, nos últimos oito anos, o Miguel Real nos honrou com a sua presença e participação em eventos de natureza académica variada. E não apenas nas mais expectáveis, nas quais o seu próprio *opus* e pensamento foram objeto de estudo e de homenagem, como foi o caso do Colóquio Internacional “Miguel Real: Literatura, Filosofia, Cultura”, nos dias 7 e 8 de novembro de 2018, ou ainda no Ciclo de Homenagem dos 40 anos (1971-2019) de escrita literária de Miguel Real (4 de outubro de 2019, 6 de novembro de 2019, 6 de dezembro, numa coorganização da FAL > UBI e da BMEL > Guarda — e aqui, na UBI, deve-se



uma palavra de rasgado elogio e de grande reconhecimento ao trabalho incansável e meritório da Prof.^a Carla Xavier Luís e do Prof. Alexandre Luís), cujos resultados a presente obra traz a lume, mas também em eventos científicos onde outros/as foram os homenageados. Importa que o digamos aqui, porque é verdade: Miguel Real, embora seja um polígrafo fecundíssimo (a sua capacidade de trabalho deixa-me atónito; ele dirá, e bem, que é a diuturna e matinal disciplina de Colares: “a inspiração dá muito trabalho!”), um homem muito erudito e imensamente culto (é difícil congraçar aqui em ramalhete os inúmeros temas que os seus ensaios e romances percorrem, incluindo esse curioso género da ficção – prospetiva tão crucial nestes dias em que a Leste se redesenha a Europa – e estou a pensar em *O Último Europeu: 2284*; ou, ao invés, pense-se então nesse *textum / tecido* macio e extremamente delicado, debuxado em *O Último Minuto na Vida de S.*, 2019) é um homem de uma humildade, de uma generosidade e de uma simplicidade desarmantes. Embora a sua obra seja o ponto focal do interesse de um vasto grupo de estudiosos e admiradores, quer académicos quer não-académicos, Miguel Real é uma personalidade avessa por natureza ao culto e a qualquer ensaio de vedetismo. Embora ainda não tenha conseguido ler toda a sua obra (assim haja tempo e *estrada para andar...*), do que já conheço dela, sei que ele se inscreve, de forma natural e sem artifícios, na boa escola da humilde e socrática *douta ignorância*. Muitas vezes ou ouço a dizer: “Não sei!” É tão bom, tão salutar, tão refrescante ouvir uma pessoa como ele, um reputado intelectual, um homem da Filosofia, da Literatura, da Cultura, reconhecido aquém e além-fronteiras, confessar simplesmente e sem bordados a sua ignorância. O que nos reconduz ao Agostinho que Pascoaes tanto zurzia e flagelava: “A ignorância é a mãe da sabedoria”, confessa o Bispo de Hipona. Numa das últimas estadas de Miguel Real entre nós, na UBI, Faculdade de Artes e Letras, íamos um dia, creio que em 2018, almoçar ao nosso edifício chamado ‘Malufa’: para quem não conhece, uma espécie de pequeno palacete recuperado para servir como restaurante dos professores, no centro do Polo I da UBI. Para isso, tem de se passar por uns jardins magníficos, em socalcos de granito, com relvado, fontes de água, laranjeiras, limoeiros, etc. (os chamados ‘Jardins da Malufa’). Nesse dia, as camélias (*camellia japonica*) estavam no esplendor maior da sua floração. Havia uma profusão de flores de camélia ainda nas copas e outras já caídas por todos os lados: em cima dos renques de buxo, no relvado, no chão, nos passadiços, etc., originando o imenso tapete colorido que nos aco-





lhia. Íamos a conversar sobre qualquer outra coisa. Mas, subitamente, toda a sua atenção de esteta foi tomada pelo cenário deslumbrante. Parou e os seus olhos brilharam intensamente. Associei-me. Por um momento, partilhámos de um “espanto” que ninguém sabe bem dizer de onde vem. Falámos pouco sobre esta beleza esplendorosa estendida aos nossos pés. Continuámos a subir a escada de granito, com um tanque de água cristalina à nossa direita. Para um sintense de adoção não seria nada de novo, evidentemente. Mas talvez tenha sido isso mesmo: encontrar na UBI, nas faldas de Serra da Estrela, um recanto imaculado de Sintra ou de Colares. Caríssimo Miguel Real: a floração das camélias deste inverno já passou. No outro lado da ribeira da Goldra, na encosta pintada de giestas brancas e amarelas, enganadas pela pertinaz estiagem deste inverno, o rouxinol já cantou muitas vezes. E o mundo floral do nosso jardim da Malufa também já levita, suspenso nas variegadas cores primaveris, à espera de um único olhar. Apareça para a éctase deste viço em ascensão.

Nota Biobibliográfica

Licenciado em Filosofia (1993); mestrado (1997) e doutoramento (2005) em Filosofia Medieval na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Frequentou Teologia na Católica. De 1993 a 2002, foi docente na Católica: Filosofia, Teologia, de Ciências Religiosas, de Ciências da Comunicação e de Serviço Social. Atualmente é Professor Catedrático na UBI. Os seus principais interesses académicos situam-se no domínio do Pensamento Antigo, Bíblico, Patrístico e Medieval – Santo Agostinho –, da Fenomenologia francesa, História e Filosofia da Religião e Teologia Política. Professor Bibliotecário (2013-2017) e Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (2017-2021).

